



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

Tema Gerador - “ Formação de Professores Reflexivos” – A importância da reflexão crítica sobre a prática pedagógica e como isso pode conduzir a melhorias contínuas no ensino.

Reflexão retirada do Livro – “ Avaliar – Respeitar primeiro educar depois”

JUSSARA HOFFMANN

AVALIAR - RESPEITO PRIMEIRO EDUCAR DEPOIS



“ Quem não compreende um olhar, tampouco compreende uma longa explicação”, escreveu Quintana

Em 30 de julho de 1906, nasceu Mario de Miranda Quintana, em Alegrete, Rio Grande do Sul. Estudou no Colégio Militar (Porto Alegre) e só gostava de português, francês e história. Contava que era sempre reprovado em matemática, porque só assinava as provas. Afinal de contas, para que lhe servia a raiz quadrada?



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

Este aluno rebelde, tradutor por profissão, um bom caixeiro que gostava de livros, farmacêutico por obrigação, tornou-se muito mais que um poeta – foi sempre um grande educador.

Os poetas se tornaram poetas porque brincam com as palavras. Dizem do seu jeito brincalhão as coisas sérias que precisamos ouvir. Do seu jeito de Quintana (in IEL, 2006), o poeta educador escreveu: “ **Cada um pensa como pode...**” Concordo com ele: **nós só podemos compreender as coisas a partir do que somos, sabemos e sentimos.**



Olhar os outros, as pessoas que nos cercam, nada mais é do que fazer uma sensível leitura de mundo. É aprender a conviver com palavras, textos e contextos diferentes, a buscar consensos.

Até onde alcança nosso olhar?

O que dizem aqueles que conosco falam?

As palavras são fluidas, vivas, expressam saberes, crenças, culturas e emoções... Além das palavras, os gestos, os suspiros, os olhares...

“ **Quem não compreende um olhar**”, também escreveu Quintana,
“ **tampouco compreenderá uma longa explicação**”...

Há pontos & contrapontos tecidos em torno da educação/escolarização. As divergências sobre o papel da escola vêm contribuindo para um clima de tensão entre educadores, pais e vários setores da sociedade.

A lição do poeta é que não há apenas um saber em jogo, mas múltiplos saberes (cada um pensa “a escola” como pode). Assim, diferentes leituras entram em jogo, cujas dissonâncias nem sempre favorecem as tomadas de decisão.



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

Os alunos, contudo, são sempre os mais afetados. Em geral, crianças e jovens permanecem em silêncio, sem escutar em meio aos conflitos de poder. Educação em respeito aos estudantes exige aproximação entre família, escola, governo e sociedade civil. ***Escutas, não disputas!***



Antes de tudo, é preciso uma conversa franca sobre questões importantes, buscar-se o diálogo quando surgem conflitos: a partir de que pontos de vista cada um tece julgamentos sobre a escola brasileira? ***Uma mesma situação pode levar pessoas às mais diversas interpretações, dependendo de suas experiências de vida ou conhecimentos sobre o assunto.***

Cito o exemplo de um fato ocorrido em uma pesquisa. Ao responder uma entrevista sobre ***“se estaria ou não de acordo” com a avaliação formativa nas escolas do país, o pai de um aluno revelou-se “contra”.***

Sua justificativa: ***“ Fico chocado cada vez que mando meu filho estudar para as provas e ele me responde que não precisa, que já fez as contas dos pontos que tem com os trabalhos. Diz que só precisa tirar três na prova, então nem estuda. ” Isso está errado”.***

A resposta do entrevistado foi tabulada como ***“ não estou de acordo”*** com a avaliação contínua, mas sua justificativa ***“evidência”*** de que está descontente, isto sim, com a prática avaliativa classificatória, terminal (provas finais e cálculo de pontos e médias) que a escola pública de seu filho adota ao contrário do que os dados da pesquisa apontam.

Ele se coloca francamente a favor de um sistema de acompanhamento permanente da aprendizagem, longitudinal, não classificatório, ou seja, de acordo com a metodologia própria de um sistema de avaliação formativa/progressão continuada.



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

Aí está a confusão. O entrevistador registra o “**não**”, mas nas entrelinhas da justificativa o pai comprova-se o “**sim**”, ou seja, que ele deseja que “o processo avaliativo seja diferente do que o praticado por esta escola”. Análises desconstruídas como essas não contemplam a complexidade e a diversidade do contexto educacional levando a conclusões precipitadas sobre mudanças em educação.



Dados de pesquisas nacionais e internacionais revelam há vários anos que os estudantes brasileiros não aprendem como deveriam. Que nossos professores não têm o respeito que merecem da sociedade. Que experiências educativas de sucesso são pautadas pela ética da inclusão, do respeito, da solidariedade, em lugar da competição e da seleção. Que nações democráticas asseguram o direito à escola de todas as suas crianças...

Devem-se aprofundar as perguntas e as respostas em pesquisas sobre a realidade escolar antes de quaisquer mudanças em educação, principalmente em avaliação. “**Pensar de forma diferente**” só acontece a partir do diálogo entre todos os elementos da ação educativa, da permanente reflexão sobre a prática.

É urgente a revisão dos posicionamentos dos educadores, dos pais e de toda a sociedade brasileira sobre os objetivos da escola, o que significa, sobretudo, a celebração da diversidade: respeitar primeiro, educar depois... Finalizando com Quintana: “**ou nos conformamos com a falta de algumas coisas na nossa vida ou lutamos para realizar todas as nossas loucuras...**”

UM PASSO PRA FRENTE, DOIS PRA TRÁS

“Não há mudanças sem o sofrimento da transição, do próprio esforço implicado que exige, muitas vezes, renúncia, disciplina, dedicação.”



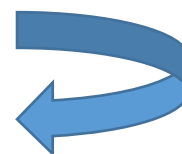
Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

Vivemos em tempos de mudanças, de ressignificações, de contestações acerca de modelos e posturas de todas as ordens. Em meio à velocidade com que acontecem os avanços, entretanto, a escola se mantém extremamente conservadora. Porque é tão difícil desenvolver projetos inovadores em educação?



Quem já mudou de residência uma ou mais vezes sabe das dificuldades de se aventurar ao novo, ao desconhecido, mesmo que a troca seja por um espaço maior ou melhor: os móveis antigos não cabem; não há lugar suficiente nos armários para o que se trouxe; dá uma trabalhadeira instalar luminárias, pendurar quadros, ajustar cortinas, ver se os chuveiros funcionam...

Afinal de contas, chega-se a perguntar, era mesmo preciso mudar?



Não há mudança sem o sofrimento da transição, do próprio esforço implicado que exige, muitas vezes, renúncia, disciplina, dedicação. Pergunte aos professores de uma escola: ***vocês acreditam que sua prática precisa mudar?*** Se eles não entenderem o significado das inovações, será natural que as resistências ocorram, porque todos gostam de mudar, mas ninguém gosta de ***“ser mudado”!***



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

O primeiro dilema em termos de formação continuada de professores aí reside: não se pode ensinar ao professor o que ele precisa aprender, porque aprendizagens significativas são reconstruções próprias de cada profissional. Exigem processo reflexivo, compreender o que está fazendo, antes de se aventurar a fazê-lo.

Aprende-se o novo pelo envolvimento próprio, individual. Aprende-se, ainda melhor, compartilhando novas experiências com os outros, porque nos sentimos fortalecidos, apoiados (é difícil pendurar quadros sozinhos). Mas, sobretudo, aprende-se ao **“perceber o novo”** como uma opção melhor. Sem desejar, sem participar, sem assumir as concepções que regem um projeto educativo, é impossível que se reaja positivamente aos **“vendavais da mudança”**.

O segundo dilema: mudanças resultam em sofrimento. Mudar de ideia dói mais do que trocar de pele. O professor precisa abandonar práticas seguras e conhecidas, arriscando-se a perder seu status de competência, seu controle sobre a situação, sua confiança no próximo passo.

O que se vê no Brasil afora é que se dá um passo para frente e dois para trás em termos de questões essenciais tais como a universalização do ensino, a melhoria dos índices de alfabetização, o privilégio ao desenvolvimento moral e intelectual de crianças e jovens, etc. Isto porque mudanças significativas não acontecem por decreto ou resolução.

O terceiro ponto: mudanças permanentes desenvolvem-se passo a passo, solidariamente e não solitariamente, envolvendo processos de compartilhamento de experiências, de reflexão conjunta, mediados por um educador experiente que instigue ao avanço.



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

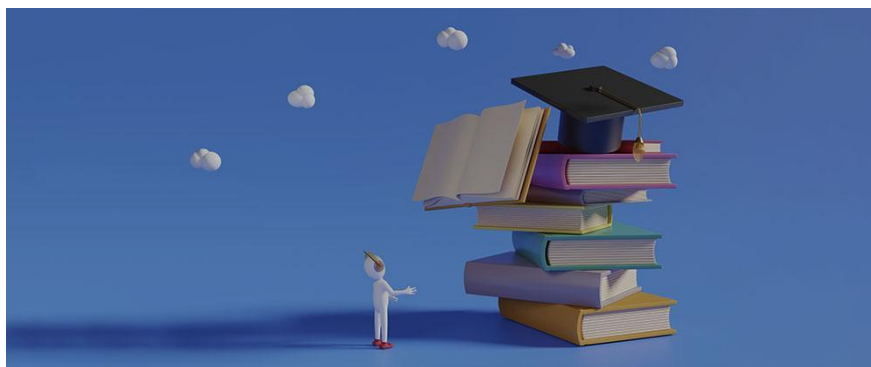
Dóris Bolzan (2002), acompanhando e mediando as trocas de um grupo de professoras alfabetizadoras de uma escola pública, descreve as etapas vividas por elas:

Etapa 1 – resistência: dificuldade de refletir sobre a própria prática, resistência em participar de discussões coletivas, negação ou contradição acerca de novos projetos e experiências.

Etapa 2 – ruptura da resistência: primeiras apropriações das ideias construídas no coletivo, retomada da própria prática como um exercício de reflexão, primeiras verbalizações de conquistas em novas experiências.

Etapa 3 – tomada de consciência: busca individual de aprofundamento teórico e de novas metodologias, disposição permanente para repensar a própria prática.

Conforme a pesquisa que realizou, somente após vários encontros de discussão e para trocas de experiências, diz Bolzan, um grupo de professoras alfabetizadoras alcançou “**o espírito de aprendizagem permanente**”, demonstrando mudanças efetivas em suas práticas cotidianas.



“Ninguém muda porque o outro assim o deseja ou impõe. ”

Como procurarás por algo quem nem ao menos sabes o que é? Como determinarás que algo que não conheces é o objeto de tua busca? Colocando de outra forma, mesmo que esbarres nisso, como saberás que o que encontraste é aquilo que não conhecias?
(Platão, 1956, p.128)



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

Mas é preciso lembrar que buscar o novo não deve significar uma batalha contra o velho, negando a experiência e os valores cultivados por uma instituição e seus educadores. **É primeiro passo reconhecer que não se sabe de tudo** (Demo, 2001) e que **“cada um pensa como pode”** (Quintana) – princípios importantes para garantir a interlocução e o tom afetivo entre as vozes de quem se propõe a mudar.

Sugestão de vídeos

1. OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO HOJE EM DIA (com Mário Sergio Cortella) | PODCAST do MHM
<https://www.youtube.com/watch?v=YkPNA63hbdg>
2. O Pequeno Príncipe: Lições de Vida e Sabedoria para Todos
<https://www.youtube.com/watch?v=M-1ND-csTNk>

Questões para reflexão

1. *“A educação é reconhecida no âmbito internacional como um direito humano, positivado constitucionalmente no âmbito nacional, vinculado aos ideais de fortalecimento da democracia, da Justiça Social, da igualdade e o do trabalho. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, partiu do pressuposto de que somente através do “ensino e da educação” será possível a promoção do respeito aos direitos e liberdade por ela proclamados. ” Comente*





Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

2. *“A educação é um dos objetivos que mais permeia o todo, uma vez que, com um esforço integrado, é possível contribuir para que as gerações futuras tenham uma sociedade mais justa em todos os níveis, pois pode ser a chave para alcançar muitas destas metas, desde o combate às mudanças climáticas e seus impactos até a conservação dos oceanos e mares.” Na sua prática, você se considera um agente de mudança na educação, comente?*

3. *Comente a mensagem apresentada na charge:*



ARMANDINHO + MODERNA

4. *Comente a afirmativa abaixo.*



“As diferentes abordagens de ensino buscam qualificar o processo de aprendizado e aumentar o engajamento dos estudantes. A aprendizagem colaborativa faz parte desse contexto e pretende colocar o estudante como protagonista, permitindo que ele participe ativamente da construção do conhecimento. O desenvolvimento completo dos estudantes é uma prioridade de ensino neste momento, visto que desenvolver apenas aspectos



Material organizado por: Professora Maria Aparecida Cubilia

cognitivos limita o potencial de cada aluno. Existe toda uma preocupação em desenvolver os aspectos Socioemocionais de cada estudante.”

5.



“Já em 1999, a [Unesco indicou](#) o aprendizado da convivência como um dos quatro pilares fundamentais da educação contemporânea (ao lado de aprender a aprender, a fazer e a ser), além de sugeri-lo como o grande desafio para o século XXI. Isso sem nem imaginar que passaríamos por uma pandemia que deixaria marcas tão profundas para o convívio. ” De que modo em sua prática como professor (a) você contribui com esse aprendizado da convivência?

6. ***“O homem é um ser inacabado, por essa razão está em constante busca e esta se dá por meio da educação que deve ser essencialmente um ato de conhecimento e conscientização e que, por si só não leva a sociedade a se libertar da opressão. A escola deve servir como instrumento de conscientização do cidadão, extrapolando assim, sua função de mera transmissora de conhecimento e lançando-se numa ação social diretamente relacionada à formação do senso crítico, direcionada para a intervenção e mudança da realidade social. ”. Comente sobre a ideia apresentada na afirmativa acima.***

7. ***Comente a Charge abaixo:***

